

Entre Estratégias e Táticas: A Manutenção de Línguas de Imigração em Irati, Paraná

Between strategies and tactics: the maintenance of immigration languages in Irati, Paraná

Hermínia Aparecida Ribeiro*

*Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, Guarapuava - PR, 85015-430,
e-mail: herribeiro13@gmail.com

Cibele Krause Lemke**

**Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, Guarapuava - PR, 85015-430,
e-mail: cibelek1@gmail.com

Milan Puh***

***Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, Guarapuava - PR, 85015-430,
e-mail: milan.puh1@gmail.com

RESUMO: O *corpus* deste trabalho corresponde a duas entrevistas realizadas com alunos do Ensino Médio de uma escola localizada no interior da cidade de Irati, Paraná, e é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento. As entrevistas foram objeto de investigação, embasada em Ponso (2017), no que tange à manutenção das línguas minoritárias, deste contexto tido como linguisticamente complexo, conforme Ogliari (2006) e outros pesquisadores. Neste viés, os conceitos sobre estratégias e táticas postulados por Michel de Certeau (1998), que em sua interdependência levam os falantes a tomar posicionamentos diante de suas línguas, contribuíram para um melhor entendimento acerca da preservação das línguas do contexto frente à hegemonia do português como língua oficial. O exame das entrevistas seguiu os passos da metodologia qualitativa interpretativista, conforme André (1995), no que tange à análise de trechos, nos quais os participantes expõem em seus discursos situações de usos das línguas ucraniana e polonesa, entre outras. Com base nas declarações dos alunos, consideramos necessárias estratégias que possibilitem a expansão, a manutenção e a legitimação do multilinguismo brasileiro e paranaense, e, desta forma, o comprometimento e o envolvimento de órgãos oficiais quanto à viabilização e à integração das línguas minoritárias no currículo escolar e na comunidade local, bem como na formação de profissionais para atuar nas instituições de ensino em contextos linguisticamente complexos.

PALAVRAS-CHAVE: Estratégias e Táticas; Língua Minoritária; Manutenção Linguística.

ABSTRACT: The corpus of this study corresponds to two interviews with High School students of a High School in the interior of Irati, Paraná, being part of an ongoing master's degree research. Through these interviews, we aim an investigation around the maintenance of minority languages, based on Ponso (2017), of this context understood as linguistically complex, according Ogliari (2006), amongst others. In this bias, the concepts of strategies and tactics postulated by Michel de Certeau (1998), in which in his interdependence make the speakers take stances against their languages, contributed to a better

understanding of the preservation of languages within the context of Portuguese hegemony as official language. The examination of the interviews followed the steps of the interpretative qualitative methodology, according to André (1995), in reference of the analysis of stretches which the participants expose in their speeches uses of the polish and Ukrainian languages, amongst others. Based on the students' declarations, we consider necessary to think about strategies that make it possible the expansion, maintenance and legitimation of brazilian and parana's multilingualism and, this way, the commitment and involvement of official organs in reference of the viabilization and integration of the minority languages in the scholar curriculum and local community, as well as the formation of professionals to work in educational institutions within linguistically complex contexts.

KEYWORDS: Strategies and tactics; Minority language; Linguistic maintenance.

PALAVRAS INICIAIS

O Brasil figura como exemplo de países constituídos pela diversidade cultural e linguística, resultado de fluxos migratórios, concentrando, ao longo de seu território, pessoas das mais diversas partes do mundo, que, juntamente com suas culturas, trouxeram suas línguas. A partir deste enfoque, e de acordo com os estudos de Krause-Lemke (2010) e outros pesquisadores que analisam contextos que se referem à diversidade linguística, explana-se que o estado do Paraná concentra grande parte da imigração de eslavos, orientais, germânicos e italianos, dentre outros, que ainda hoje mantêm comunicação em algumas das diferentes línguas.

Pereira e Costa (2007) expõem que esta complexidade linguística tem implicações no momento da escolarização dos sujeitos, em decorrência do descompasso entre a língua portuguesa, que permeia todas as práticas escolares, e a língua trazida de casa pelos aprendizes, além de uma variedade dialetal de base rural do português, logo, distante daquela privilegiada pela escola. No que tange às línguas minoritárias, Ponso (2017, p. 197) pontua que estas línguas não são assim definidas em termos quantitativos, mas com relação a *status* e poder simbólico de que dispõem.

Neste sentido, segundo Pereira e Costa (2007), tais línguas não têm espaço garantido na escola, portanto, têm seus usos inviabilizados e, muitas vezes, são estigmatizadas, fato que pode cooperar para seu apagamento, ou ainda, culminar em um movimento contrário de afirmação de uma identidade linguística e cultural, como propõe Hall (2006). É neste viés que se justifica a realização deste trabalho, pois, como pontua Krause-Lemke (2010), a produção que se tem sobre a temática das línguas de

imigração no contexto escolar ainda é fragmentária. Assim, esta pesquisa é relevante para que se possa compreender, por exemplo, os usos destas línguas em tais ambientes, “os conflitos entre as línguas minoritárias e as línguas estrangeiras, sobre os mecanismos que as põem em evidência ou as apagam nas práticas lingüísticas escolares, bem como ao tratamento que é dado às línguas pelas instituições competentes: governo, universidade e escola” (KRAUSE-LEMKE, 2010, p. 20).

Cientes da complexidade lingüística do Brasil, em específico a do Sul do Brasil, este trabalho, que é parte de uma pesquisa de mestrado ainda em andamento, realizado em uma escola do interior da cidade de Irati, Paraná, propõe uma investigação baseada em entrevistas com estudantes do período noturno do Ensino Médio da referida escola. A pesquisa analisa como se efetiva a manutenção das línguas minoritárias deste contexto tido como lingüisticamente complexo. Este processo fornecerá melhor entendimento para a pesquisa de base no que tange ao reflexo dos usos lingüísticos em ambiente escolar.

As entrevistas são constituídas de perguntas pontuais e gravadas em áudio após a observação de algumas aulas e aplicação de questionários para mapear e identificar as línguas faladas no contexto escolar e em seu entorno. Os indivíduos identificados como falantes de outras línguas foram convidados a participar das entrevistas, e os que não quiseram tiveram esta vontade respeitada.

Antes de iniciarmos a pesquisa, todos os participantes e seus responsáveis assinaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como os Termos de Assentimento para Adolescentes, autorizando a divulgação dos resultados. As informações foram transcritas seguindo uma adaptação da fala à escrita. Foram marcadas as diferenças advindas da oralidade, fato que expõe tal contexto como sendo também biadialetal (CAVALCANTI, 1999). Para tanto, utilizamos pseudônimos para preservar a identidade dos falantes. Tendo em vista o percurso que traçamos durante a pesquisa, esta segue os passos da pesquisa etnográfica com viés qualitativo interpretativista, conforme André (1995), no que tange à apreensão dos significados dos discursos de nossos informantes.

ENTRE ESTRATÉGIAS E TÁTICAS: MICHEL DE CERTEAU

Em seu trabalho *A invenção do cotidiano: artes de fazer*, Michel de Certeau (1998) reflete sobre as práticas cotidianas que envolvem os diversos âmbitos de uma sociedade, e assim, repensa os postulados que defendiam um papel passivo dos indivíduos diante do consumo cultural. Para o autor, os sujeitos manipulam os produtos culturais a depender de suas vontades e seus desejos a partir de práticas desviacionistas, por meio de *bricolagens*, que funcionam como artifícios ou ações efetivadas com criatividade no intuito de driblar a ordem dominante e, desta maneira, transgredir o que lhes é imposto.

Certeau (1998) compara estas maneiras de fazer com a escrita literária em que se podem diferenciar “estilos” ou modos de escrever. Diante disto, há maneiras de ler, de caminhar, de falar, de usar a língua, etc., entendidas pelo autor como práticas cotidianas. Tais práticas envolvem movimentos que podem intervir em um campo que as regula em um primeiro nível, e introduzem aí maneiras de tirar partido dele, obedecendo a outras regras, constituindo um segundo nível imbricado de certa forma no primeiro. Logo, as maneiras de fazer vão criar um jogo, articulações mediante a estratificação de funcionamentos diferentes e interferentes.

Acerca dos caminhos percorridos pelas práticas sociais que surgem e instauram táticas de consumo, podendo estabelecer maneiras em que os subalternos, fracos, usam os fortes como resistência à disciplina imposta, expõe-se que “as táticas do consumo, engenhosidades do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas” (CERTEAU, 1998, p. 45).

As práticas cotidianas são ações classificadas como de tipo tática, de onde um sujeito, aparentemente passivo, inventa alternativas para escapar às situações de controle lançando mão de astúcias como forma de resistência dentro de brechas do sistema. A partir de então, reinventam o cotidiano, ou seja, os sujeitos, ao elaborarem formas desviacionistas, transformam o *lugar* em *espaço*. O *lugar* é onde se encontram as estratégias, onde reside a lei de *um próprio*, onde há um planejamento de ações. Elas “não aplicam princípios ou regras, mas escolhem entre elas o repertório de suas operações” (CERTEAU, 1998, p. 122).

No *espaço* impera a instabilidade, é um lugar praticado, pois, como pontua o autor, é onde as práticas humanas são pensadas e executadas mesmo que desautorizadas. Neste viés, funcionam as táticas que, conforme pontua Certeau, apresentam continuidade e permanência e “manifestam igualmente a que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula, ao passo que as

estratégias escondem sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustenta, guardado pelo lugar próprio ou pela instituição” (CERTEAU, 1998, p. 47).

As práticas, entendidas como *maneiras de fazer*, além de se constituírem a partir de táticas, também são permeadas por estratégias. Estas últimas condizem com a operação das relações de forças quando um sujeito de querer e poder, em uma posição de *próprio*, distingue-se de *outro* que, por não dispor de um lugar de poder como refúgio, recorre à tática como forma de sobrevivência e resistência destes fracos frente aos fortes. Este *outro* é “o homem ordinário. Herói comum. Personagem disseminada. Caminhante enumerável. [...] Este herói anônimo vem de muito longe. É o murmúrio das sociedades” (CERTEAU, 1998, p. 53-57). Em outras palavras, o homem ordinário é o indivíduo que circula na sociedade longe dos holofotes e se equilibra nas *maneiras de fazer*, reinventa os discursos e ações homogeneizantes para garantir seu lugar dentro da sociedade.

Os sujeitos, homens ordinários, envolvidos nestas relações de poder, baseiam-se em astúcias para corromper este lugar a partir da violação de princípios que fazem parte dele. Ao pontuar tais conceitos, Michel de Certeau (1998) postula que as táticas revelam a que ponto a inteligência humana é indissociável das lutas e contentamentos ou prazeres cotidianos que articula, sendo uma maneira de utilizar sistemas impostos:

[...] constitui a resistência à lei histórica de um estado de fato e suas legitimações dogmáticas. Uma prática da ordem construída por outros redistribui-lhe o espaço. Ali ela cria ao menos um jogo, por manobras entre forças desiguais e por referências utópicas. Aí se manifesta a opacidade da cultura popular- a *pedra negra* que se opõe à assimilação (CERTEAU, 1998, p. 79).

Neste sentido, os sujeitos dispõem de sabedoria para subverter as forças hegemônicas. Logo, o que aí podemos chamar de sabedoria, segundo o autor, define-se como *trampolinagem*, artes de um acrobata em lidar com as situações cotidianas, usando astúcia, sabedoria e as habilidades em driblar termos de contratos sociais. Estas ações são as várias artimanhas que os indivíduos usam para *desfazer o jogo do outro*, caracterizando atividades sutis e tenazes de grupos que resistem por não disporem de um lugar próprio, unem forças constituídas por artes de dar golpes com vistas a alterar as regras impostas pelo sistema opressor. As táticas, neste viés, condizem com as formas de articulação da resistência efetivada por um grupo ou indivíduo.

As estratégias, por sua vez, escondem por meio de cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustenta, guardado pelo lugar próprio, ou ainda, pela

instituição que os sustenta. Neste sentido, para o autor, estratégias condizem com as relações de força empreendidas por um sujeito detentor de alguma espécie de poder. Para Certeau (1998), a estratégia “postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou concorrentes, os inimigos o campo em torno da cidade os objetivos e objetos da pesquisa) etc.” (CERTEAU, 1998, p. 99-102). Segundo ele, por ocuparem um lugar próprio, são ações que, graças ao postulado de um lugar de poder, elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem.

Ao pensarmos as táticas como jogos para driblar a ordem dominante, Certeau (1998) postula as maneiras de habitar (uma casa ou uma língua) como reflexões articuladas pelo indivíduo no sistema que lhe é imposto, que o superimpõe, criando para si um espaço de jogo para maneiras de usar a ordem imposta do lugar ou da língua. Sem a necessidade de sair deste lugar onde deve viver e que lhe impõe uma lei, este indivíduo usa então pluralidade e criatividade. Desta forma, através de uma arte de intermediação, ele tira daí efeitos imprevistos.

O que foi apresentado até o momento nos faz refletir sobre os usos das línguas minoritárias no contexto investigado que recebe, nos mais diferentes lugares, a imposição de uma língua hegemônica que, por ser a língua oficial, é valorizada pelo falantes em geral, sobrepondo-se desta maneira às demais línguas do contexto. Diante disto, objetivamos investigar por meio das entrevistas a realidade das línguas de imigração na comunidade, visto que: “o ato de falar é um uso da língua e uma operação sobre ela” (CERTEAU, 1998, p. 97). Neste sentido, ao longo do texto, serão discutidos os conceitos de estratégias e táticas e suas interdependências para compreender a manutenção das línguas de imigração locais.

ESTRATÉGIAS E TÁTICAS COMO FATORES DE MANUTENÇÃO DAS LÍNGUAS MINORITÁRIAS LOCAIS: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Partimos para a análise dos discursos captados nas entrevistas com base no argumento elaborado anteriormente. Frisamos que as entrevistas são documentos analisados em suas partes consideradas mais significativas. Os dados nos mostram de

que maneira táticas e estratégias são usadas em sua interdependência para a manutenção das línguas minoritárias do contexto em estudo frente à hegemonia do português.

Fragmento 1 - entrevista 1:

1. Entrevistadora: e assim, qual é a tua descendência? O teu pai, ele é descendente de...
2. Maria: ucraniano!
3. Entrevistadora: e a tua mãe?
4. Maria: ela é só brasileira mesmo.
5. Entrevistadora: uhum, entendi. Então, no questionário que você respondeu, você disse que sabe falar ucraniano. E, quem te ensinou a falá então essa língua?
6. Maria: um pouco eu aprendi, minha irmã era catequista, aí eu aprendi a falá cum ela que ela conviveu bastante tempo com as freiras lá da comunidade (Linha B de Gonçalves Júnior), ela tinha que sabê pra podê ensiná os, os pequenos lá na catequese. Aí eu aprendi um pouco cum ela i um pouco nas missas também, que até a quarta série eu estudei no colégio de freras, i eu tive que também aprendê a falá porque a gente sempre rezava i cantava im ucraniano antes de entrá na aula.
7. Entrevistadora: e o colégio é na tua comunidade?
8. Maria: é na minha comunidade. Agora já fechô, já faiz desde que entrei pro sétimo ano, sexto ano, já fechô ele.
9. Entrevistadora: e aí todo mundo ia pra lá, pro colégio lá?
10. Maria: todo mundo tinha que vim (sic) pra cá. É, não, assim, quem morava lá, axque tinha no máximo oito ou nove alunos que ia lá
11. Entrevistadora: e quem mais da tua família sabe falá ucraniano?
12. Maria: o meu pai i a minha irmã
13. Entrevistadora: e a tua mãe?
14. Maria: a minha mãe também, assim, só na igreja ela acompanha, ela não sabe muito bem
15. Entrevistadora: e com quem que você mais usa a língua? Com teu pai, com tua irmã? Com..
16. Maria: eu acho qui lá em casa não muito, mais assim quando a gente tá discutindo mesmo do assunto, mais na igreja assim mesmo.

Com base nos registros, evidencia-se que a manutenção da língua de imigração, neste caso, a língua ucraniana, se efetiva nas relações familiares, mas também, decorre das vivências religiosas, tal como se destaca na linha 6. Maria afirma que sua irmã foi quem a ensinou a falar ucraniano por ser a catequista da comunidade de Linha B de Gonçalves Júnior, onde reside a informante e sua família, uma comunidade rural que se localiza a 13 quilômetros de distância da escola onde estuda Maria.

Grande parte dos estudantes, colegas de Maria, vive em outros pontos da mesma linha ou em outras linhas, em distâncias ainda maiores que a citada pela informante. Esta forma de organização e localização geográfica dos núcleos familiares pode contribuir para a preservação das línguas minoritárias, pois, diferentemente do que acontece em centros urbanos, no campo, segue-se uma organização que prima pela

proximidade entre as famílias, promovendo maior convívio entre todos e a manutenção das línguas.

Em Linha B, conforme Maria, há uma única igreja católica de rito ucraniano, da qual participam a estudante e sua família, onde acontecem também as festas da comunidade, local que abriga a catequese ministrada pela irmã da informante. À irmã de Maria foi-lhe ensinada a língua eslava com vistas a instruir as crianças locais quanto aos preceitos religiosos que se iniciam na família, sendo mais aprofundados neste momento da vida dos locais. Tal fato confere à língua preservação e legitimidade.

Neste viés, na linha 6, evidencia-se o papel das freiras como responsáveis pela manutenção do ucraniano ao promover seu uso no contexto escolar e direcionar a imersão dos habitantes na vida cristã via língua. A percepção dos discursos analisados nos mostra que a manutenção da língua é constituída de articulações de uso entre os sujeitos, que se configuram por meio daquilo que Michel de Certeau (1998) chama de estratégias e táticas.

As freiras, neste caso, ao perceberem a importância da língua na manutenção das identidades e da fé, lançam mão do que CERTEAU (1998) chama de estratégias com vistas à propagação do idioma. As religiosas gerem as relações dos falantes com a língua minoritária a fim de preservá-la frente à língua majoritária (PONSO, 2017), neste caso o português, língua oficial do Brasil, carregada de poder simbólico decorrente de uma política linguística embasada em ações que a fizeram ser pensada como uma língua mais útil do que as outras.

Tal fato impõe aos cidadãos sua aprendizagem, processo que poderia ameaçar a sobrevivência da língua eslava, resultando em um movimento de resistência por parte de alguns falantes que, em seu lugar de saber e de certo poder, empreendem atividades de manutenção do idioma. Este lugar é destinado às religiosas e se torna possível pelo fato de os falantes perceberem, nas figuras destas pessoas, um saber supremo que as coloca em um *lugar próprio*. Desta maneira, os passos dos fiéis são conduzidos diante dos usos linguísticos com foco na manutenção de uma identidade etnolinguística possível via preservação da língua minoritária.

As estratégias, por outro lado, segundo Certeau (1998), funcionam lado a lado com as táticas, em outras palavras, são interdependentes. Estas últimas são ações que funcionam em movimento contrário: “Chamo tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro” (CERTEAU, 1998, p. 100).

Logo, nesta interdependência há também um deslocamento na posição das religiosas, que, de lugar de saber e poder, passam a sujeitos subalternos diante do poder do Estado, que agora figura no campo das estratégias e, por ter lugar de próprio, dita regras visando à homogeneização linguística.

Neste caso, as religiosas se valem de táticas, artes do fraco, perante as práticas estatais que visam à implementação de uma política linguística em sentido *top-down*, como pontua Shohamy (2006 *apud* CÁCERES, 2014), no que concerne à hegemonia linguística do português como língua oficial. Assim, por meio de ações desviacionistas driblam a imposição do Estado de uma única língua e passam a ensinar a língua ucraniana às catequistas como forma de estabelecer seu uso, mesmo que sazonalmente, durante a catequese. Neste viés, a religião e seus espaços de manifestação são locais de estratégias e de táticas e surgem para manter a preservação do idioma, promovendo sua valorização na justificativa de maior aproximação com Deus e imersão dos falantes na vida religiosa. Os ritos, as crenças, os valores e suas pregações passam pela língua, que se torna uma ferramenta na manutenção da identidade cristã e ucraniana.

Tais dados apontam, ainda, os núcleos familiares como fortes mecanismos de manutenção das línguas de imigração. Logo, são os entes mais próximos que cooperam neste processo. Como revela o depoimento da entrevista 1, Maria, ao conviver com sua irmã falante de ucraniano aprendido com as freiras, aprende com ela a língua, papel muitas vezes desempenhado pelas mães, o que não se verifica nesse caso. A mãe da estudante, por não ter descendência ucraniana, “é só brasileira mesmo”, e, por não dominar a língua, tem um saber mais superficial da língua eslava, aprendido durante as missas realizadas em ucraniano das quais toda a família participa pelo fato de haver na comunidade somente a igreja católica de rito ucraniano.

Este ‘saber a língua’ está vinculado a um pertencimento. Neste caso, Maria, por saber o ucraniano e ser filha de um descendente de ucranianos, se posta como pertencente, consanguínea e linguisticamente, à cultura ucraniana. Logo, a distinção da identidade da população local se constitui por relações entre “iguais” e “diferentes”. Assim, as relações interétnicas estimulam sentimentos de fortalecimento da identidade etnolinguística. No entanto, a pertença identitária concebida por Maria, em decorrência deste conhecimento linguístico, é um aspecto que merece maior entendimento, pois,

Ao tratar do imaginário linguístico, Charaudeau (2009) postula que a identidade linguística é permeada pela crença de que a língua de um povo é o que o constitui, concepção que perdura

através da história. Para o autor, é evidente que a língua atua para a constituição de uma identidade coletiva, a qual garante a coesão social e, além disso, constitui a base em que essa comunidade se sustenta. Por outro lado, questiona se é a língua que possui uma função identitária ou é o discurso. Charaudeau (2009) é partidário da ideia de que é preciso dissociar língua e cultura e, em vez disso, associar cultura e discurso. De não ser assim, correr-se-ia o risco de tornar idênticas, por exemplo, a cultura brasileira e a portuguesa, com o pretexto de que existiria uma mesma comunidade linguística (KRAUSE-LEMKE, 2010, p. 58).

Neste caso, faz-se necessário entender que o pertencimento de Maria se efetiva não pela língua enquanto estrutura, mas pelos discursos que se promovem em ucraniano. A mãe, por outro lado, por não compartilhar dos mesmos traços, é designada como “só brasileira”, e, por saber muito pouco do idioma, mesmo que inconscientemente, fica alocada em certa marginalização que se busca sanar gradualmente ao ser paulatinamente integrada ao grupo via ensinamentos da língua. Neste sentido, o pertencimento identitário de Maria à comunidade eslava transparece uma oposição a aspectos considerados negativos relacionados ao fato de ser “só brasileira”, e por este motivo há a tentativa de inserção da mãe na cultura ucraniana. Nota-se que parte deste conhecimento linguístico da mãe também vem, além da igreja, dos ensinamentos das filhas, informação subtendida nas falas da estudante, que se confirmam no momento da continuação da entrevista.

Fragmento 2 - entrevista 1:

17. Maria: mais eu gosto de rezá, mais que nem ás vezes quando eu tô com a mãe i ela vai assá pão, eu falo: mãe, cuide a *blerra* de pão! Eu falo assim sabe, cuide a *blerra* de pão!
18. Entrevistadora: *blerra* de pão?
19. Isso, *blerra* de pão! Fôrma de pão! be (b), ele(l), daí o agá (h) ucráino e o a(a).

Como se observa, as meninas tomam para si lugar próprio e passam a lançar mão de estratégias durante as práticas sociais para incluir a mãe na cultura ucraniana. Por outro lado, a interdependência entre estratégias e táticas se faz visível, pois as tarefas de ensinar paulatinamente a língua minoritária para a mãe estabelecem táticas desviacionistas por meio de bricolagem (CERTEAU, 1998). Assim, as filhas, tidas como praticantes ordinários, sujeitos comuns, com foco no uso da língua, mas sem racionalidade técnica, infiltram o ucraniano em espaços através da criatividade. Neste sentido, permeiam-se ensino e aprendizado subsidiados no processo interacional entre mãe e filha pela alternância entre as línguas. Pode-se constatar tal fato pelo emprego de

algumas palavras, como no enunciado de número 19, em que Maria introduz em seu enunciado proferido em português a palavra *blerra*. Neste caso, transcrição no alfabeto latino, literalmente como se pronunciou, serve como uma estratégia no aprendizado gradual da língua que se estende às idas à igreja.

A ressalva que se faz pertinente neste momento é a de que, mesmo havendo um esforço de Maria em ensinar o ucraniano à mãe, há um fenômeno que constitui as vidas e os usos das línguas na comunidade, o da mescla entre as línguas. Tal fato talvez decorra dos processos históricos que envolveram países europeus como invasões e dominações, dos quais a Polônia e a Ucrânia foram alvos, que, por fim, resultaram em mesclas e interferências entre os idiomas. Isso se torna visível no emprego da palavra *blerra*, que, segundo a informante, significa fôrma de pão.

Maria assegura que o vocábulo citado pertence ao léxico da língua ucraniana, no entanto, a palavra correspondente em ucraniano seria *blhachka* (fôrma) e *xliba* (pão). Uma possível explicação para esta ocorrência é a de que o vocábulo tenha sofrido uma mudança fonética durante os usos linguísticos dos sujeitos locais, pois a pronúncia da palavra se aproxima do léxico da língua polonesa, um idioma com fonética muito parecida à do ucraniano. Neste caso, em polonês, fôrma seria *chleba*, com as duas primeiras consoantes pronunciadas com o /x/, fricativa velar, como em *carro* ou *carroça*, por exemplo.

Este fenômeno também pode ter resultado de um equívoco durante a escuta do vocábulo em debate, advindo da rapidez e dinâmica da língua, cujo resultado é uma inversão na construção fonética da palavra. Tal fato não confere à Maria um não saber linguístico, visto que, ao soletrar a escrita da palavra *blerra*, a menina demonstrou um conhecimento formal da língua ucraniana ao expor que o som /x/ se escreve com o “h” em ucraniano.

As influências entre as línguas passam a ser detectadas também entre as línguas de imigração e o português, como em casos em que a língua ucraniana influencia na pronúncia da palavra “moreu” (morreu) do português. Este fato é presenciado em outras entrevistas ainda em processo de análise. Tal fenômeno da língua não se deve à incapacidade linguística dos falantes, mas ao fato de ser comum presenciarem em seu dia a dia a pronúncia do r como /r/ tepe alveolar e bem menos comum a fricativa velar /x/.

De volta à análise da fala de Maria, a linha 6 (Fragmento 1 da entrevista 1) indica que sua irmã, além de catequista, era também professora de língua ucraniana,

pois “tinha que ensiná os, os pequenos”. A catequese e a religião, neste caso, podem ser consideradas como um lugar próprio, conforme Certeau (1998), onde estratégias são usadas pelos que dispõem de um saber/poder que atribui funções à língua ucraniana. Tal evidência ganha suporte na afirmação de Maria ao relatar que, por ter frequentado o colégio das freiras da comunidade, tinha que saber ucraniano, pois cantavam e rezavam nesta língua antes de entrar em sala de aula, local onde grande parte das interações ocorriam em português, mas também onde eram presenciadas inserções de língua ucraniana, quando as freiras queriam chamar a atenção dos alunos conforme informações obtidas em conversas informais após a gravação desta entrevista.

As práticas linguísticas evidenciam a religião como um lugar próprio, no entanto, em uma interdependência com as táticas, as estratégias são resignificadas pelos falantes e dão lugar a táticas empreendidas pelos indivíduos na legitimação e na preservação do idioma. Sendo assim, a língua ucraniana tem seus usos linguísticos assegurados por políticas linguísticas que partem dos indivíduos locais, em sentido *bottom-up*, nas quais, segundo Shohamy (2006 *apud* CÁCERES, 2014), os falantes optam por agir contra as estratégias estatais de imposições e legitimação de uma única língua, o português brasileiro.

O ucraniano passa a ser mantido nas relações internas à comunidade, como dito, portanto, constitui-se em um movimento contrário à legislação estatal, posto que confere seu uso contínuo à língua, e segue o processo das táticas defendidas por Certeau (1998), em que o fraco ganha voz e, por meio de manobras, consegue pequenas vitórias, neste caso, a sobrevivência das línguas sem o envolvimento estatal.

A igreja, nos depoimentos dos três participantes, surge como mecanismo contínuo de manutenção da língua, pois é lá onde “se discute mais do assunto”, como relatado na linha 16 (Fragmento 1) da fala de Maria, ou seja, local em que os discursos ocorrem em ucraniano no que tange à liturgia, aos cantos, às orações, etc. É neste local que se inserem novos sujeitos na cultura, é lá onde a mãe de Maria tem seu conhecimento linguístico e cultural ampliado. É neste espaço que estratégias e táticas são fomentadas para fortalecimento de uma identidade etnolinguística coletiva. Via língua todos passam a ser “ucrainos”, como relata Gustavo à linha 24, entrevista 2. Neste caso, ser ucraniano significa saber falar a língua, participar da missa, das crenças religiosas, dos costumes do povo, etc.. Isto tudo está em oposição ao ser “brasileiro”, aos que não dispõem desta identidade eslava, como apontam as linhas 16 e 18 da fala de Gustavo. A igreja é assim também o lugar de manutenção das línguas, de onde se

pensam estratégias de propagação da fé, da língua e da cultura, mas que tem este lugar redefinido, no qual as línguas minoritárias passam a ser legitimadas frente à hegemonia do português.

Nesta linha de táticas e estratégias, o movimento de inserção da língua minoritária nos encontros familiares constitui ações que buscam estimular os falantes à adoção dos idiomas pelos mais “novos”, passando ainda às táticas de usos linguísticos que desviam a padronização e o olhar controlador do sistema dominante. Logo, o ucraniano aparece como um mecanismo de identificação linguístico e cultural, o qual mantém, via discursos, saberes que apontam para o pertencimento a determinada comunidade de fala, a determinada etnia, que processa em seus dizeres suas formas de pensar, de agir, pois é “no espaço da língua (como no dos jogos) [que] uma sociedade explicita mais as regras formais do agir e os funcionamentos que as diferenciam” (CERTEAU, 1998, p. 48).

Falar ucraniano é expor sua origem; é mostrar de “onde eu vim”, de uma família e uma cultura que ainda cultivam valores e crenças e que buscam, via língua, passar tais ensinamentos aos descendentes que, por sua vez, “quem eu sou”, manifestam todos estes aprendizados, os quais, futuramente, mediante estratégias, serão passados aos que com ela convivem. Saber a língua é se identificar com aspectos que configuram e constituem a cultura de um povo; é uma forma de resistência às imposições que a língua sofreu durante anos. Isso nos mostra que a resistência às políticas de silenciamento linguístico ocorreu fortemente por políticas que não estão explícitas ou sustentadas pelo Estado, mas que vão contra suas imposições e serão mantidas ao longo dos anos, como mostra a continuação da entrevista com Maria, no fragmento 3 da entrevista 1:

Fragmento 3 – entrevista 1:

20. Entrevistadora: E assim, na tua casa, quando que vocês mais usam a língua ucraniana?
21. Maria: ah, antes a gente não usava muito, mais agora, como nasceu meu afilhado, que ele é pequeno ainda, não tem nem um ano, é (::) i agora ele já tá começando a falá, daí a gente começa de falá bastante o ucraniano, pra ele desde pequeno também já i aprendendo aí quando ele vai lá em casa a gente usa bastante.
22. E o teu afilhado é filho de quem?
23. Maria: da minha irmã
24. Entrevistadora: da tua irmã que te ensinou a falá ucraniano?
25. Maria: é, isso!
26. Entrevistadora: e vocês são em quantos irmãos?
27. Maria: eu e ela!
28. Entrevista: e o marido da tua irmã também fala? (Ucraniano)
29. Maria: não, ele é descendente de italiano, ele na verdade não, não sabe nem cantá mesmo, nem na igreja, só ela mesmo

30. Entrevistadora: e o italiano ele sabe?
31. Maria: Italiano ele sabe, sabe cantá, tipo que nem pra fazê nenê dormi ele canta em italiano.
32. Entrevistadora: e os pais dele que ensinaram ele?
33. Maria: ele não tem pai e nem mãe, ele foi criado pelos avós.
34. Entrevistadora: ah daí os avós ensinaram?
35. Maria: aham, os avós desde pequeno.

Os depoimentos presentes na linha 20 evidenciam a necessidade de passar ao afilhado a língua ucraniana. Esta atitude revela práticas linguísticas enquanto ação social, pois o ensino do ucraniano ao afilhado intensificou processos de manutenção da língua como forma de inserção e integração do novo membro à família, mantendo o idioma e os costumes, que seguirão um processo contínuo por mais uma geração que provavelmente promoverá sua vitalidade como estratégia de pertencimento ao núcleo familiar e cultural.

No fragmento acima, torna-se visível também a composição e usos linguísticos da comunidade, permeada, além do ucraniano, pela língua italiana. Na linha 30, Maria afirma que seu cunhado, descendente de italianos, efetua uma política de manutenção de sua língua de herança, passando-a ao filho. Neste caso, o cunhado segue o mesmo processo de ensino de língua adotado pelo restante da família de Maria, que empreende processos de transferência da língua eslava à geração seguinte, em momentos mais informais.

O aprendizado do italiano pelo cunhado de Maria aconteceu em ambiente familiar, na figura dos avós que preservaram a língua, e passaram-na à geração seguinte, que, por sua vez, adota os mesmos princípios, tornando-a ponte de relação entre as gerações futuras, conferindo à língua uma ferramenta de manutenção da identidade ítalo-brasileira. Neste caso, a língua italiana segue um processo de manutenção de pai para filho, que, ao cantar para o bebê dormir, adota uma prática linguística com o fim de trazer calma. Assim, a língua embala o sono da criança e estabelece um elo de afeto, cumplicidade e segurança pela voz paterna, que provavelmente continuará ao longo da geração seguinte.

Esta atitude frente à língua promove sua continuidade revestida de astúcias para sua promoção frente a um não lugar, mas que, nas brechas apresentadas, tem sua manutenção efetivada longe das estratégias dominantes: “Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade. [...] Tem que utilizar vigilante as falhas que as conjunturas vão abrindo na vigilância do poder aí vai caçar. Cria ali surpresas consegue estar onde ninguém espera” (CERTEAU, 1998, p. 101).

Nesta perspectiva, as práticas linguísticas executadas por Maria, sua irmã e seu cunhado projetam-se também como táticas de resistência cunhadas por Certeau (1998). Os posicionamentos dos sujeitos frente ao ucraniano e ao italiano se tornam manobras de um povo que explora as brechas no sistema autoritário que impõe estrategicamente uma homogeneidade baseada em leis e modos de fazer e falar nas mais distintas práticas linguageiras. Desta maneira, empregam-se as táticas projetadas nos usos linguísticos que ludibriam as estratégias do sistema dominante, fortalecendo ao máximo a posição do mais fraco e destacar a relação de forças que, segundo Certeau (1998), está no princípio de uma atividade intelectual tão tenaz quanto sutil, incansável, mobilizada à espera de qualquer ocasião, espalhada nos terrenos da ordem dominante.

Cientes de seu *status* de fracos, impossibilitados de dizer, os sujeitos não se defrontam com a estratégia dominante cara a cara, mas se investem de uma falsa conformidade e se utilizam de manobras ágeis e flexíveis. Jogam nestes terrenos que lhes são impostos com vistas a lograr sucesso no objetivo de perpetuação de uma identidade linguística e cultural que atravessa gerações. Logo, usar o espaço da igreja para ensinar a língua nos momentos de catequese, introduzir o ucraniano pouco a pouco na vida cotidiana da mãe, pensar no ensinamento da língua eslava e italiana ao novo integrante da família e usar o idioma nos momentos de oração são maneiras (táticas) de burlar o sistema e promover a preservação das línguas e assim enfrentar a lógica do forte. Estas maneiras de enganar a ordem totalizante e investir na manutenção da língua minoritária são perceptíveis nos registros a seguir, que se referem à fala de Gustavo, aluno do terceiro ano do Ensino Médio.

Fragmento 1 - entrevista 2:

1. Entrevistadora: e quem te ensinou a falar ucraniano?
2. Gustavo: aprendi cum a minha vó, né, que na verdade a família dela bendizê era tudo ucraniana
3. Entrevistadora: da tua vó?
4. Gustavo: da minha vó. Daí eu ia lá i perguntava pra ela i as veiz iscutaiva ela cunversando daí foi perguntado i daí ela foi falando, umas par de coisa aprendi, mais o que era mais importante a gente xxx
5. Entrevistadora: quem mais da tua família sabe falar ucraniano?
6. Gustavo: o meu pai!
7. Entrevistadora: o teu pai sabe. E a tua mãe?
8. Gustavo: minha mãe não sabe nada, não aprendeu nada
9. Entrevistadora: e com quem você usa mais a língua então?
10. Gustavo: ca minha vó
11. Entrevistadora: e com o teu pai?
12. Gustavo: é difícil, mais as veiz pra conversá tipo só eu i ele,
13. Entrevistadora: ah é! Mas daí vocês usam o ucraniano por que só você e ele?

14. Gustavo: tipo, coisa que nós num..., quando nós tamo saindo assim laçando, tipo que nós imo em rodeio, daí pros otro num intendê o que nós queremos falá, daí nós falamo em ucraino.
15. Entrevistadora: E com a tua vó?
16. Gustavo: eu falo! Ela, ela mais usa o ucraino comigo do que o brasileiro.
17. Entrevistadora: E você tem vô?
18. Gustavo: Ah, o meu vô, o brasileiro já moreu
19. Entrevistadora: i do lado da tua mãe?
20. Gustavo: só tenho o meu otro vô, a vó moreu.
21. Entrevistadora: i o teu vô materno, ele sabe falá...
22. Gustavo: ele é polaco, mas ele, ele, se sabe num sei, mais pelo menos cumigo nunca falô.
23. Entrevistadora: e quem mais da família sabe o ucraniano?
24. Gustavo: tem um tio do meu pai que sabe bastante. Às veiz eu também converso cum ele em ucraino. O resto ninguém, mais ninguém quis aprendê.

Nos registros acima vemos que a aprendizagem da língua de imigração está condicionada à figura da avó paterna. Gustavo, na linha 2, afirma que praticamente toda a família da avó era descendente de ucranianos, porém, nem todos quiseram aprender a língua, como relatado mais adiante na entrevista. Gustavo se mostrava interessado em aprender a língua desde a infância, talvez para se tornar ainda mais próximo da avó e de seu pai, que também é falante de ucraniano, além de seu tio. A *baba* se apropria de seu lugar de um ente ao qual se direciona respeito e obediência e articula estratégias controladoras, como pontua Certeau (1998), para a manutenção da língua, as quais são também projetadas em táticas de uso por ela mesma, implicando o uso da língua pelos mais jovens, nas células familiares e em outros ambientes da comunidade.

Pode-se observar na linha 24 que o ucraniano continua tendo seu espaço reservado nas células familiares, pois, além da avó e do pai, mais um tio sabe falá-lo e interage neste idioma com o menino. Neste sentido, o entorno familiar funciona como o lugar onde projetam-se, na figura dos avós, tio e pai, planejamentos e relações de convivência com a língua de imigração. Por outro lado, este lugar é ressignificado e transformado em espaço praticado, em que se usa a língua minoritária como forma de resistência identitária frente ao português usado nas mediações da comunidade.

O ucraniano não foi aprendido pela mãe do informante, que é descendente de mãe italiana, porém já falecida, como informado na linha 20. Segundo Gustavo, em conversas informais durante as visitas, sua mãe também não aprendeu o italiano. Talvez isso se dê pelo fato de não ter a mãe para ensiná-la e por seu pai não ser falante deste idioma. A mãe de Gustavo ainda tem ascendência polonesa do lado paterno, mas também não aprendeu o idioma, talvez pelo fato de seu pai, o avô do menino, ser uma pessoa que não manifestava saber a língua, como evidenciado na linha 22. Ali Gustavo

diz que seu avô materno era “polaco”, e que não sabe se o avô sabia falar a língua polonesa, pois, se sabia, pelo menos com o menino, este saber nunca foi compartilhado.

O silêncio do avô, por outro lado, pode estar ligado ao que Lagares (2018), pontua como formas de repressão linguística, abrangendo um leque de ocorrências que podem fazer com que uma língua deixe de ser falada. Dentre elas, estão a morte de seus falantes, a repressão pelo Estado no que tange à imposição de uma língua oficial e seu *status* enquanto bem simbólico, que resulta na “dominação simbólica que expressa olhares desaprovadores em silêncios e tons de censura, em pequenos gestos, produz uma modificação das práticas para fazê-las concordarem com a língua considerada legítima” (LAGARES, 2018, p. 142). Neste viés, o ato do avô não manifestar a língua de herança, de acordo com Melo-Pfeifer e Flores (2014). Seus discursos podem ser uma forma de não reviver memórias do passado pertencentes às épocas de coibição das línguas pelas quais podem ter passado ou as quais vivenciaram seus entes queridos. Outra possibilidade que pode explicar este silenciamento está ligada à morte de pessoas próximas, pois, como já dito, a língua pode rememorar dor e sofrimentos, sentimentos que, muitas vezes, se busca apagar, ou ainda, a constrangimentos, por ser falante de uma língua que não dispõe de poder simbólico, processo ligado à última forma de repressão postulada por Lagares (2018), a língua enquanto estigma.

Por outro lado, os usos linguísticos entre pai e filho demonstram uma relação de cumplicidade, como se vê na linha 14 da entrevista número 2, em que Gustavo diz alternarem da língua portuguesa para a ucraniana no intuito de que ninguém entenda o que os dois conversam, principalmente quando estão planejando algo, por exemplo, estratégias dentro de um rodeio, em que se projetam práticas competitivas.

As relações de interdependência entre as noções de estratégias e táticas propostas por Certeau (1998) se confrontam nos ditos de Gustavo. Usar a língua de imigração que nem todos dominam como forma de arquitetar um jogo com vistas ao sucesso, neste caso, constitui uma tática de usos que expõe as relações de força estabelecidas em tais contextos.

A maneira como a língua minoritária ganha espaço no local implica uma astúcia dos falantes em menor número. No entanto, as relações destes falantes com o ucraniano também os colocam em posição de poder, de um lugar estratégico embasado em seu conhecimento linguístico do qual se lança mão para vencer a competição. Esta língua secreta, usada por Gustavo e seu pai, muitas vezes era um meio de comunicação entre os adultos que, por motivos diversos, não queriam que seus filhos entendessem muitos

assuntos debatidos entre os falantes, assim laçavam mão de um idioma que não era compartilhado por todos. Ao não se compreender o que os pais diziam, os filhos também deixavam de aprender a língua, fato que pode ter levado alguns integrantes da família a não aprender ucraniano, ou, ainda, o polonês.

Neste sentido, as táticas podem sofrer variação quanto ao uso e à função, e podem ter efeitos positivos e negativos para a manutenção da língua, tendo em vista que ora podem ser usadas positivamente ao serem ensinadas aos descendentes, como acontece com Gustavo e seu pai, ora podem ter um viés negativo quando esta língua é compartilhada com apenas uma pequena parcela do grupo étnico, como quando se buscava manter em sigilo alguns assuntos de outros membros família, como já citado. Neste viés, os usos linguísticos são estabelecidos conforme a necessidade comunicativa dos falantes. A alternância não corresponde à simples troca de códigos durante a conversação, mas é um importante marcador da identidade destes falantes, pois evidencia um uso linguístico enquanto prática social, seja para aproximar ou para distanciar outros falantes.

Podemos visualizar e constatar durante a exposição dos registros que a manutenção das línguas, em grande parte, se efetiva na figura das avós. Tal fato pode estar ligado à presença constante destas pessoas na vida dos netos, visto que as mães e os pais trabalham nas lavouras, e as avós, por serem pessoas de idade avançada, muitas vezes aposentadas, assumem a responsabilidade de serem além de *babas*, também as babás dos netos. Logo, por disponibilizarem de mais tempo nesta fase da vida, ficam em casa para providenciar a alimentação aos que retornam do serviço do campo e cuidam dos netos. A organização do campo favorece um convívio mais próximo entre os sujeitos, fortalece os laços identitários e assim a passagem da língua. Neste sentido, o ensino da língua, que é passada às gerações seguintes, segue o processo de políticas linguísticas locais, conforme Semechechem e Jung (2017), em que a população, sem ajuda governamental ou de leis, busca ensinar suas línguas como forma de manutenção de uma identidade linguística e cultural.

Como há uma relação de interdependência entre táticas e estratégias, os falantes passam de fracos a fortes e assumem lugares de poder e se apropriam deste poder como formas estratégicas de se fazer ouvir. Assim, o lugar ‘escola’ se torna um espaço praticado onde as estratégias e táticas são tomadas por questionamentos e ressignificações.



No contexto investigado, evidenciamos a presença de manutenção das línguas minoritárias empreendidas sem a atuação do Estado ou de outros órgãos que promovessem uma política linguística de ações, viabilização e integração de línguas em contexto escolar e na comunidade local. A preservação linguística em torno das línguas de imigração é permeada por lutas empreendidas pelos próprios falantes que garimpam maneiras de fazer. Assim, entre táticas e estratégias (CERTEAU, 1998), vão garantindo a permanência e a legitimidade de suas línguas no cotidiano local, ainda que os usos se restrinjam a algumas palavras e expressões.

Neste sentido, os falantes calculam ações estratégicas de direcionamentos e manutenção das línguas minoritárias quando tomam para si um lugar de conhecimento e poder. Eles também empreendem processos sutis de ensino das línguas com vistas a garantir-lhes sua perpetuação, e, via golpes e trampolinagem, produzem outros sistemas, de relações de força e resistência, e assim criam espaços de manutenção das línguas. Desta forma, os sujeitos infiltram suas línguas em brechas deixadas pelo sistema dominante. São astutos o suficiente para burlar o sistema e subvertem suas imposições que visam à homogeneidade linguística. A preservação, o uso e o ensino das línguas minoritárias enredam-se mutuamente entre estratégias e táticas. São estas ações que possibilitam pequenas conquistas dos “fracos”. Isto nos mostra que a língua minoritária não pode ser considerada como destituída de poder, nem mesmo pode ser “categorizada numa generalidade definitória, classificatória e normatizadora [...] a língua menor é a saída rizomática, é o escoar da identidade que se reconstrói a cada interação; é a fuga da estrutura sem sair da estrutura” (PONSO, 2017, p. 198). As línguas minoritárias passam a marcar a identidade dos falantes, vêm como resistência à ordem dominante, ganham força e poder e agem nas estruturas da comunidade.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.
- CÁCERES, G. H. Políticas linguísticas em uma escola pública de Ensino Médio e tecnológico: a oferta de línguas estrangeiras. *Trab. Ling. Aplic. Campinas*, Campinas, n. 53, v. 1, p. 103-129, jan./jun. 2014. Disponível em: www.scielo.br/pdf/tla/v53n1/v53n1a06.pdf. Acesso em: 10 dez. 2018.
- CAVALCANTI, M. C. Estudos sobre educação bilíngüe e escolarização em contextos de minorias lingüísticas no Brasil. *DELTA [online]*, São Paulo, v. 15, n. especial, p. 385-
Volume 20
Número 46

- 417, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44501999000300015&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 10 jan. 2019.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- KRAUSE-LEMKE, C. *Políticas e práticas linguísticas: um estudo sobre o ensino de língua espanhola em um contexto multilíngue no Paraná – Brasil*. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-16122010-152622/pt-br.php>. Acesso em: 10 dez. 2018.
- LAGARES, X. C. *Qual política linguística?: desafios glotopolíticos contemporâneos*. São Paulo: Parábola, 2018.
- MELO-PFEIFER, S.; FLORES, C. O conceito de língua de herança na perspectiva da Linguística e da Didática de Línguas: considerações pluridisciplinares em torno do perfil linguístico das crianças lusodescendentes na Alemanha. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 8, n. 3, ago./dez. 2014.
- PONSO, L. Situação minoritária, população minorizada, língua menor: uma reflexão sobre a valoração do estatuto das línguas na situação de contato linguístico. *Gragoatá*, Niterói, v. 22, n. 42, p. 184-207, jan./abr. 2017.
- OGLIARI, M. M. A manutenção do ensino de língua ucraniana em comunidade bilíngue: português/ucraniano. In: LEFFA, V. J. (org.). *O professor de Línguas Estrangeiras: construindo a profissão*. Pelotas: Ed. Educat, 2006. p. 419-435.
- PEREIRA, M. C.; COSTA, R. V. Quando a voz é o silêncio: questões de língua e aprendizagem em contextos sociolinguisticamente complexos. In: CAVALCANTI, M. C.; BORTONI-RICARDO, S. M. (org.). *Transculturalidade, linguagem e educação*. Campinas: Mercado das Letras, 2007.
- SEMECHECHEM, J.; JUNG, N. M. Políticas linguísticas locais: o plurilinguismo na escola. *Organon* (UFGRS), v. 32, p. 1-18, 2017.

Data de recebimento: 25/03/2019

Data de aprovação: 02/05/2019